



ILAN BRENMAN

As 14 pérolas da
SABEDORIA SUFI

-
- Leitor fluente – 4º e 6º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Tom Nóbrega



De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “*quer*” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.”
A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.

RESENHA

As coisas se duplicam de maneira nada óbvia, nos sussurram as narrativas sufis: nem sempre é fácil compreender se estamos do lado da ilusão ou da sabedoria. Um aluno pratica incansavelmente todas as artes do mundo, à procura de um mestre perfeito – e, ao finalmente encontrá-lo, recebe um não como resposta, porque também o mestre está à procura do aluno perfeito. Um dervixe contrata um ator para se apresentar como sábio para uma comunidade, pensando em desmascará-lo mais tarde, para ensinar o vilarejo a não confiar em qualquer um: no entanto, acaba sendo preso pelos moradores, que não admitem que ele coloque em dúvida a sabedoria daquele que passou a ser o guia espiritual da vila. Em busca do local que costuma evocar na mais bonita de suas canções, um ferreiro cantor chega ao Vale do Paraíso, onde existiam duplos idênticos de cada um dos habitantes da sua cidade natal. Descobre assim que os habitantes do Vale do Paraíso é que são a realidade, enquanto ele e todos os seus conterrâneos são a cópia, a ilusão. Uma raposa ferida consegue sobreviver ao receber comida de um tigre, que a alimenta ao invés de devorá-la; um elefante mostra gratidão ao dervixe faminto que não quis comer a carne de seu filhote; um caracol revela aos outros animais que possui algo valioso que não pode ser roubado pelos homens. Por vezes, as coisas nos surpreendem: mesmo a água que nos parece a mais doce do mundo pode ser salgada para o paladar de outro. De nada adianta encontrar um punhado de pérolas nos bolsos quando se está prestes a morrer de fome em um deserto.

Em *As 14 pérolas da sabedoria sufi*, Ilan Brenman divide com os jovens leitores uma série de narrativas enigmáticas da tradição sufi – vertente mística e filosófica do islamismo, que ensina que o conhecimento não deve ser simplesmente compreendido com a ra-

zão: precisa sobretudo ser sentido, experienciado. Ainda que essas narrativas sejam compostas por uma série de enunciados verbais, elas quase sempre terminam deixando algo em suspensão, não dito: rompem com as expectativas do leitor, desarranjam os pressupostos dos personagens e propõem reflexões que só podem ser compreendidas por meio do órgão que costumam chamar de *coração-intelecto* – que nós, criados e formados em outras tradições culturais, somos convidados a despertar. Como comenta o autor em seu texto de apresentação: *às vezes, precisamos de dias, semanas, meses e até anos para compreender uma narrativa sufi* – ou então, paradoxalmente, podemos compreendê-las antes mesmo de ouvi-las, como se elas estivessem adormecidas em algum lugar íntimo, esperando apenas ser despertadas pela leitura.

QUADRO SÍNTESE

Gênero: contos populares

Palavras chave: sabedoria popular, aprendizagem, sufismo.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Geografia, História

Competências Gerais da BNCC: 3. Repertório cultural, 8. Autocanhhecimento e autocuidado

Tema contemporâneo tratado de forma transversal: Diversidade cultural.

Público-alvo: Leitor fluente (4º a 6º anos do ensino fundamental)

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro. O que eles compreendem por *sabedoria*? O que será que a palavra “pérolas” quer dizer nesse contexto? É bem possível que não saibam o que significa a palavra sufi, mas desafie-os a especular: levando em conta as vestimentas dos personagens da capa, de que parte do mundo imaginam que pode originar-se essa tradição?

2. A ilustração da página 3, que acompanha a dedicatória, mostra uma cena da dança dos dervixes, uma das práticas ritualísticas dos sufis. Para que os alunos comecem a se aproximar do universo do sufismo, assista com a turma a um vídeo que registra um belo ritual de giro dervixe em Istambul. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3gG8YAUqVIs>> (acesso em: 22 jun. 2020).

3. Leia com seus alunos o texto introdutório *O sufismo*, na página 7, que comenta como as narrativas sufis não podem ser compreendidas apenas com o intelecto, devem também ser sentidas e compreendidas de forma intuitiva. Além disso, uma série de informações importantes para contextualizar os contos que estão prestes a ler. O autor enumera uma série de países em que o sufismo se faz presente:

proponha aos alunos que os localizem com a ajuda do Google maps ou de um mapa-múndi.

4. Leia com os alunos as biografias de Ilan Brenman e Ionit Zilberman, nas páginas 46 e 47. Conhecer escritores e ilustradores é um comportamento leitor que pode ser aprendido.

Durante a leitura

1. Como as narrativas do livro são independentes entre si, sugira que os alunos utilizem o sumário para fazer a leitura dos contos na ordem que desejarem, começando por aqueles que lhes despertarem maior curiosidade.

2. As narrativas do livro transcorrem em diferentes lugares do mundo, a maior parte delas na região do Oriente Médio. Diga aos alunos que tomem nota dos nomes de cidades e países mencionados nos contos. Organize um mural para localizarem no mapa-múndi essas localidades e compartilhem imagens e informações sobre elas. Com o Padlet, uma ferramenta *on-line*, é possível criar um mural ou quadro virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e partilhar esses conteúdos.

3. Diga aos alunos que prestem atenção aos objetos, peças de vestuário e padrões arquitetônicos característicos da cultura árabe que aparecem nas ilustrações.

4. Ionit Zilberman explora os olhares dos personagens de forma bem-humorada de modo a conferir-lhes expressividade – para onde cada uma das figuras retratadas no decorrer das páginas parece dirigir o olhar? O que seus olhos parecem dizer a respeito do que estão pensando ou sentindo?

5. Há duas palavras que aparecem em diferentes contos cujo sentido talvez não seja claro para os alunos: dervixe e benuíno. Para poder esclarecê-las, vale a pena ler os respectivos verbetes, disponíveis em: <<https://www.infoescola.com/islamismo/dervixe/>> e <<http://www.pedalnaestrada.com.br/pages.php?recid=455>> (acessos em: 22 jun. 2020).

6. Como Ilan Brenman comenta no texto de apresentação, as narrativas sufis precisam de muito tempo para ser compreendidas e não possuem uma única interpretação. Encoraje os alunos a reler mais de uma vez os textos que acharam mais enigmáticos.

Depois da leitura

1. Para que os alunos saibam mais a respeito do sufismo, assista com eles a esse episódio do programa *Retratos de fé*, da TV Cultura, que conversa com praticantes do sufi no Brasil e delinea os principais aspectos de sua filosofia e prática religiosa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KD6T4RjpVnk&t=1348s>> (acesso em: 22 jun. 2020). Logo no início do documentário, um dos *sheiks* comenta

que a sinceridade é considerada um elemento fundamental do caminho espiritual: quais dos contos do livro parecem ressaltar essa característica?

2. O sufismo é uma corrente do islamismo. Para que os alunos saibam um pouco mais a respeito dessa que é uma das mais praticadas religiões do mundo, mas que costuma ser alvo de diversos estereótipos e distorções, vale a pena ler com eles o capítulo dedicado ao Islamismo no *Livro das religiões*, de Jostein Gaarder, Victor Hellern e Henry Notaker, publicado pela Companhia das Letras.

3. Explique aos alunos que, nos contos *O falso sábio* e *O sufi e o ladrão*, dois dos mais famosos poetas persas figuram como personagens: Jami e Saadi de Shiraz. Saadi nasceu em 1210 e Jami em 1414, ambos na Pérsia, que hoje corresponde à região do Irã. Jami, além de poeta conhecido por seu lirismo, foi um dos maiores pensadores e teólogos sufis sunitas, enquanto Saadi se tornou conhecido por seus comentários sagazes e pela sofisticada reflexão ética e moral que propunha com seus (por vezes bem-humorados) escritos e aforismos.

4. Aproximar-se da caligrafia árabe é uma maneira de lembrarmos que o nosso alfabeto não é, afinal, o único possível: a complexidade das línguas não se dá apenas a partir de seus vocabulário e de sua gramática, mas também de sua estrutura gráfica. Na Biblioteca Digital Mundial, é possível encontrar fragmentos caligráficos de poemas de Jami e Saadi, nos quais seus alunos podem visualizar a riqueza e a minúcia da caligrafia árabe. Disponíveis em: <<https://www.wdl.org/pt/item/2424/>> e <<https://www.wdl.org/pt/item/2972/>> (acessos em: 22 jun. 2020).

5. No conto *O Vale do Paraíso*, um ferreiro parte em uma longa viagem em busca do local que costumava evocar em uma de suas canções e, quando finalmente retorna a sua cidade natal, se dá conta que já é um velho. Embora o tom das narrativas seja bastante distinto, ele nos faz pensar no conto *Rip van Winkle*, de Washington Irving, considerada a primeira narrativa norte-americana já escrita. Nela, por conta de um encantamento dos elfos, um homem adormece e só desperta muitos anos depois, envelhecido, encontrando sua terra completamente mudada. Assista com a turma a uma adaptação televisiva do conto, disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=vSeT7x8wkJE>> (acesso em: 22 jun. 2020).

6. No conto *Raposa ou tigre?*, a figura de uma raposa ferida alimentada por um tigre intriga um dervixe, que levanta questões a respeito da providência divina e do sacrifício. Um dos mais belos quadrinhos já escritos, *Caçadores de sonhos*, o primeiro volume da série Sandman, de Neil Gaiman, conta a improvável história de amor entre uma raposa e um jovem monge japonês – e certamente dialoga com os questionamentos éticos e místicos levantados pela sabedoria sufi. Traga essa obra-prima dos quadrinhos, publicada pela editora Penini, para ler com a turma: certamente os jovens leitores gostarão muito.

LEIA MAIS... **do mesmo autor**

As 14 pérolas da sabedoria judaica. São Paulo: Moderna.

A sabedoria do califa. São Paulo: Moderna.

O homem dos figos. São Paulo: Moderna.

Cavalo de Troia, a origem. São Paulo: Moderna.

O alvo. São Paulo: Moderna. São Paulo: Moderna

O que a terra está falando?. São Paulo: Moderna.

do mesmo gênero

Joty, o tamanduá, de Vangri Kaygang. São Paulo: Global.

Contos budistas, de Sherab Chozdin. São Paulo: Martins Fontes.

Xangô, o trovão, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

Ifá, o adivinho, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

Oxumarê, o arco-íris, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letrinhas.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!

